



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

JORNALISMO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIA DA LIGA ACADÊMICA JOEME

Mayara Sousa Ferreira (mayarasousa@pcs.uespi.br)¹

Thamyres Sousa de Oliveira (thamyressousa@pcs.uespi.br)²

RESUMO

Esta comunicação científica traz discussões sobre a Liga Acadêmica de Jornalismo (Joeme), a primeira vinculada ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, em Picos-PI e que se tornou um programa de extensão na referida universidade. Ao apresentar a experiência do primeiro ano de atuação da liga, as autoras e atuais coordenadoras e supervisoras docentes propõem uma reflexão e autoavaliação do percurso, das metodologias e da produção científica dos integrantes e reforçam a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, embasadas em autores como Freire (2013, 1996), Masetto (2015), Halbwachs (2006) e outros. Aliando o estímulo ao protagonismo dos estudantes à postura de problematização da realidade social, a Joeme contribui para uma formação interdisciplinar, humanizada e afetuosa.

PALAVRAS-CHAVE

Liga Acadêmica de Jornalismo. Jornalismo. Educação. Memória. Universidade Estadual do Piauí.

1. INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Educação (PPGED-UFPI). Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFPI). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (UESPI). Professora do curso de Jornalismo da UESPI. Email: mayarasousa@pcs.uespi.br

² Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFPI). Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo (UFPI). Professora do curso de Jornalismo da UESPI. Email : thamyressousa@pcs.uespi.br



Relatar a experiência de fazer parte de uma liga acadêmica exige, inicialmente, que saibamos o conceito de liga. Entre os vários conceitos que se atribui ao termo liga, buscaremos entendê-la como ato ou efeito de ligar ou ainda como sociedade ou associação que tenha algum objetivo comum (INFOPÉDIA, c2020). Compreender liga como um ato ou efeito de ligar é dar-se conta de que é necessário juntar o que, porventura, pode ainda estar disperso, silenciado, imerso. Afirmar que se trata de “sociedade ou associação com qualquer objetivo” é assegurar que pode haver uma união em prol de interesses comuns.

É assim que compreendemos a Liga Acadêmica de Jornalismo Educação e Memória (Joeme): uma reunião de pessoas que têm como interesse comum discutir jornalismo, educação e memória. Os encontros da liga, em situações “normais” (antes da pandemia do coronavírus), costumam ocorrer em sua maioria, às sextas-feiras, em salas da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo (CPBA), em Picos-PI, ou até mesmo em seus corredores, em qualquer lugar onde se possa dialogar.

Embora o entendimento de ligas acadêmicas, muitas vezes, seja associado apenas à saúde, qualquer área do conhecimento pode dispor de uma liga, uma vez que elas são uma opção para que o acadêmico e a comunidade em geral aprofundem, complementem o estudo de temas e tenham garantidos ensino, pesquisa e extensão.

A primeira liga acadêmica da qual temos conhecimento foi criada, em 1920, a Liga de Combate à Sífilis (QUEIROZ *et al.*, 2014), mas para os autores o fortalecimento das ligas se deu durante a ditadura militar. Estreitando laços entre a comunidade e a academia e complementando o ensino, as ligas acadêmicas têm sido cada vez mais necessárias, em nome de um estímulo ao fazer pensar, problematizar e levar conhecimento para fora dos muros da universidade.

No campo do jornalismo, esse processo de surgimento de ligas acadêmicas é bem recente, se considerarmos o fato de que a expansão dos cursos de nível superior na área se deu nos governos militares com a



obrigatoriedade do diploma. Até então, existiam poucos cursos no país. No caso do curso de Jornalismo da UESPI/CPBA, a primeira liga surgiu em 2019, embora a criação do curso tenha ocorrido em 2001 (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ, 2001), e a primeira turma tenha adentrado a universidade em agosto do ano seguinte.

A Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória foi idealizada pela professora Mayara Sousa Ferreira, uma das autoras deste artigo, que também é coordenadora da liga. A liga Joeme é a primeira liga vinculada ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, em Picos-PI, e tem como objetivo geral promover a extensão e a produção científica, por meio de atitudes problematizadoras referentes às interconexões entre diferentes áreas do saber, especificamente, jornalismo, educação e memória.

Após o convite feito à comunidade acadêmica e demais interessados, a liga iniciou suas atividades em 7 de junho de 2019, dispondo tanto de alunos e de professores do curso de Jornalismo da UESPI como de um representante da comunidade em geral, que, outrora, já foi membro da UESPI. Vivemos o desafio de nos tornarmos interdisciplinares, trazendo para o curso de Jornalismo saberes de outras áreas. Além disso, buscamos trazer a comunidade para a universidade e, igualmente, levar um pedacinho da universidade para a comunidade, por meio do compartilhamento de saberes e dos eventos propostos pela liga.

Depois de quase um ano de atuação da liga, sentimos a necessidade de relatar nossas experiências, apresentar acertos e refletir sobre fragilidades, ou seja, nos avaliar. Desse modo, o objetivo geral deste trabalho trata-se de avaliar/apresentar o primeiro ano de atuação da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Joeme).

Para isso, inicialmente, apresentaremos a metodologia da liga, a maneira como acontecem os encontros, a frequência e em quais espaços. Posteriormente, falaremos sobre as atividades de caráter extensionista, já desempenhadas no último ano.



2. CAFÉ COM REFLEXÃO: METODOLOGIA DA JOEME

Desde que foi criada, em junho de 2019, a primeira liga acadêmica do curso de Jornalismo da UESPI/CPBA tem se caracterizado como espaço para diálogo e reflexão acerca das inter-relações entre as temáticas que a nomeiam e que lhe dão direção e foco. Partimos da busca por compreender o conceito de memória, especificamente em seu caráter social, e procuramos o entendimento sobre as conexões com o jornalismo, especialmente, e a educação.

Nesses encontros, algo é quase “obrigatório” e comum: café com reflexão. A presença intencional de café, chá e aperitivos partilhados em cada reunião conduz os encontros a um nível de leveza e descontração positivos. Ao passo que quebra a dureza do estudo e da reflexão sobre textos científicos, muitas vezes, densos, pela descontração e informalidade, gera uma ambiência aproximativa.

Culturalmente, quando as pessoas se sentam em roda para papear e tomar um café, abrem um espaço propício para o desenvolvimento de relações afetivas com o local, com o acontecimento em si e com os envolvidos. E é assim que a Joeme tem se caracterizado, desde a primeira reunião.

Às 18 horas da primeira sexta-feira de junho de 2019, após apresentação do Estatuto da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (2019), eleição da diretoria e organização do cronograma semestral, os participantes se apresentaram, cada um com uma música que lhes trazia memórias afetivas no que tange a si próprio e à sua relação com a universidade e, a partir de então, com a liga. Foi montada a primeira *playlist* do grupo recém-formado, num encontro regado a choro e emoções.

E, desde então, tem sido assim: um grupo de estudo e afetos. Por esses estímulos, a liga Joeme tem se organizado como mais que um grupo de estudo, extensão e produção científica – seus objetivos. Ela tem sido também um coletivo que conduz docentes e discentes ao alargamento do espaço universitário de relação com o saber para abraçar a afetividade e as relações humanas. Isso torna os encontros mais prazerosos e leves, como a educação tem que ser: esperançosa e criativa.



Na compreensão de um dos mais destacados pensadores da educação mundial, Paulo Freire (2019, p. 139), as práticas educativas exigem o querer bem, a “[...] atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza”. Portanto, convivência, amizade e familiaridade construídas no ambiente educacional são mais que naturais, pois fazem parte da essência humana, elas são necessárias como experiências que favorecem o desenvolvimento intelectual.

Vinculada à Coordenação do Curso de Jornalismo e à Pró-reitoria de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários (PREX) da UESPI, a liga está organizada da seguinte forma, segundo seu estatuto (LIGA ACADÊMICA DE JORNALISMO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA, 2019): I) coordenação geral e supervisão docente; II) supervisão e orientação docente; III) diretoria discente; IV) demais membros, discentes do curso de Jornalismo (do 3º ao 8º período) e de outros cursos da mesma instituição e/ou da comunidade em geral.

As reuniões são quinzenais, com duração de duas horas, podendo também ter a periodicidade semanal, desde que não ultrapasse a carga horária de 4 horas semanais, em horário extra ao das aulas. Dessa forma, os encontros para estudo ou para organização de atividades são planejados antecipadamente pela coordenação, direção e membros.

Por essas e outras razões, observamos boa frequência, qualidade e empolgação dos participantes no envolvimento das atividades, mesmo em encontros sejam realizados à noite, após dias de muitos compromissos acadêmicos e profissionais.

Cabe à coordenação a indicação de leituras, mas sempre com abordagem dialógica e democrática com os membros para seleção dos conteúdos a serem estudados ao longo do semestre. Ao colaborarem com o processo de escolha, os membros da liga desenvolvem interesse pelos textos a serem trabalhados e, conseqüentemente, colaboram com mais afinco.

Esse processo é considerado positivo, na visão de Freire (2013). Para o autor, a co-participação dos estudantes na escolha dos conteúdos gera relevância para eles no processo de aprendizagem. Por outro lado, quando tais



conteúdos são impostos, correm o risco de ficar fora da realidade dos educandos, tornando-se pouco atrativos.

Assim, por diálogo e com a mesma antecedência da escolha dos autores e textos, o grupo define os responsáveis por conduzir cada discussão, sendo obrigatória a leitura e participação de todos. Com dinamicidade, cada encontro é guiado por uma dupla de participantes. Cabe a ela destacar aspectos relevantes e que lhes chamaram a atenção no estudo em pauta e, ao mesmo tempo, estimular a cooperação dos presentes.

Então, os debates e reflexões acontecem no formato de rodas de conversa, sempre estimulados por café, chá, petiscos e pela partilha coletiva de inferências para elaboração de saberes a partir de compreensões colaborativas. Sentar no formato de roda para a discussão de temas favorece o desenvolvimento das reflexões dialógicas, com olhos nos olhos, com proximidade, com relacionamento.

Muitas vezes, as rodas de conversa são utilizadas como instrumento de pesquisa a fim de que o pesquisador consiga analisar as narrativas provenientes do diálogo entre os partícipes em ambiente propício. Nesse formato, a comunicação do grupo se torna mais interativa, com falas, muitas vezes, provenientes da escuta, o que Warschauer (2004) chama de aprendizado de convivência.

No entendimento da autora citada no parágrafo acima, as rodas de conversa podem propiciar a construção de conhecimento de forma colaborativa e a formação, uma vez que os sujeitos envolvidos no processo se tornam protagonistas na troca de ideias e de argumentos a partir da reflexão.

Nossas rodas acontecem, geralmente, nas salas de aula do campus Professor Barros Araújo, em Picos, mas não se limitam às quatro paredes. O ato de sair da sala de aula para tomar os corredores da universidade, com rodas descontraídas entre o piso, os bancos e as cadeiras também é comum, afinal, a educação para acontecer, independe de estar em um ambiente culturalmente entendido como preparado para tal, como é a sala de aula. Na Imagem 1 registramos um desses momentos em que as reuniões extrapolaram o espaço da sala de aula.



Imagem 1 — Reunião da liga Joeme no corredor da UESPI, outubro de 2019



Fonte: arquivos Liga Joeme

Além de abrir espaço para leveza, a Joeme estimula a participação ativa dos membros que a integram. Para tanto, o grupo faz uso de metodologias ativas de aprendizagem. Segundo Moran (2017), elas se baseiam na compreensão de que a aprendizagem é ativa, portanto, o aprendizado também tem que ser. As metodologias ativas apontam para a transformação da aprendizagem do modelo tradicional, em que o professor está no centro, para experiências com mais sentidos para os estudantes.

Assim, embora coordenada e supervisionada pelas professoras autoras deste trabalho, a liga tem como foco garantir que os acadêmicos participantes estejam sempre em proeminência no desenvolvimento das atividades: desde a condução das discussões durante as reuniões de estudo à direção e organização funcional, movimentação da rede social Instagram e organização de atividades extensionistas envolvendo o curso de Jornalismo, a comunidade acadêmica uespiana e a sociedade de forma mais geral.

Nesse caso, os estudantes têm papel proeminente no processo de aprendizagem, mas sempre guiados pelas docentes que assinam este trabalho.



Entendemos que nosso papel é amplo e de extrema relevância, como ressalta Moran (2017, p. 4), "o professor como orientador ou mentor ganha relevância. O seu papel é ajudar os alunos a irem além de onde conseguiram ir sozinhos, motivando, questionando, orientando".

Como espaço que contribui para a formação universitária de futuros jornalistas, a liga acadêmica Joeme oportuniza a corresponsabilidade de professores e estudantes no processo educativo, exigindo a participação de todos e estimulando, intencionalmente, a problematização da realidade social e a sustentação teórica dos debates.

Nesse aspecto, os fundamentos estão nas concepções freireanas sobre a importância da co-participação de professores e alunos. "Defendendo a educação como uma situação eminentemente gnosiológica, dialógica por consequência, em que educador-educando e educando-educador se solidarizam, problematizados em torno do objeto cognoscível [...]" (FREIRE, 2013, p. 77).

Se não há compreensão dos envolvidos no processo de educação acerca dessa responsabilidade partilhada e da necessidade de participação ativa dos sujeitos, a educação não se concretiza. Só assim podemos estimular o desenvolvimento de competências e ter resultados favoráveis à autonomia, pelo compartilhamento de tarefas para a resolução de problemas.

Todos os encontros são documentados pela diretoria discente. Cabe a eles as funções de produzir registro fotográfico, ata de frequência, assim como ata com o relato de cada atividade, ratificado por cada participante. Dessa forma, a liga que trabalha com memória, termina por construir documentos memorialísticos sobre si mesma, fazendo com que a história dessa entidade acadêmica de caráter autônomo se preserve ao longo do tempo, facilitando estudos sobre si.

Essa preocupação em arquivar memórias no tempo presente é comum nas sociedades contemporâneas, segundo Le Goff (2013), um dos autores estudados na liga Joeme. De acordo com ele, há um interesse em discutir história e memória, porque há também um entendimento de que as construções sociais podem provocar flutuações, além de manipulações conscientes ou não.

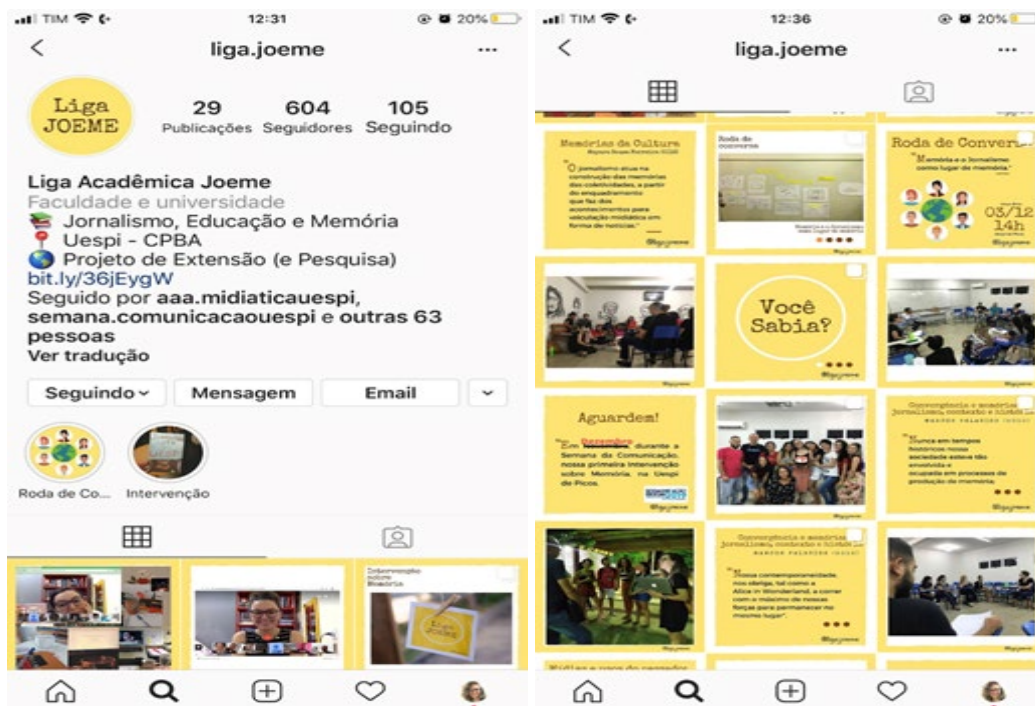


Além do mais, compreendemos que há uma valorização de memórias documentadas por meio da comunicação escrita na sociedade ocidental. Como afirma Halbwachs (2006, p. 101), o “único meio de preservar essas lembranças é fixá-los [os fatos] por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem”.

As memórias da liga Joeme também estão registradas no mundo digital. Assemelham-se, talvez, ao que Le Goff (2013) chama de memória eletrônica, uma vez que têm a característica da estabilidade, que a memória humana não tem, e da facilitação da evocação, ainda que esse tipo de memória só tenha sentido pela ação de seres humanos.

Na rede social Instagram (Imagens 2 e 3), os participantes criaram um perfil para o grupo – *@liga.joeme*. Os estudantes de Jornalismo usam o Instagram como mídia convergente, onde eles praticam os conhecimentos de design e produção de conteúdo midiático digital aprendidos nas muitas e diversas disciplinas do curso.

Imagens 2 e 3 – Perfil da Joeme no Instagram





Fonte: Instagram da liga Joeme

Além disso, eles reforçam os autores estudados na liga, muitas vezes, levantando questionamentos a fim de que haja participação por meio dessa rede social. Esse espaço público serve para que o grupo leve à comunidade alguns elementos de discussão e de produção de conhecimento dos encontros quinzenais, além de estimular a participação nas atividades extensionistas abertas à comunidade.

Nas considerações sobre comunicação/educação, Bacega (2010) acredita que os meios de comunicação, junto com a escola e a família, têm atuado como educadores na nossa sociedade, influenciando na formação da cidadania, uma vez que têm presença na vida cotidiana, com possibilidade de influência sobre a sociedade. “Trata-se, agora, de constatar que eles [os meios de comunicação] são também educadores, uma outra agência de socialização, e por eles passa também a construção da cidadania” (BACEGA, 2010, p. 20).

Daí a importância da leitura crítica sobre eles, um desafio e tanto para a educação hoje. “Por isso, comunicação/educação inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc.” (BACEGA, 2010, p. 20).

Os ambientes institucionalizados de educação precisam ressignificar as mídias e ousar utilizá-las a favor da produção de conhecimento no processo educativo. Ao se inserir na rede social, onde muitos dos nossos universitários estão, muitas vezes, envolvendo-se com assuntos supérfluos, a Joeme pode contribuir com a democratização do conhecimento e com a construção dele nesse ambiente.

Esse uso de veículos midiáticos em plataformas digitais de domínio público, como o Instagram, pode favorecer a interação com quem não participa diretamente da liga, por meio da indicação de leituras e da divulgação de



atividades extensionistas, favorecendo a ponte universidade-sociedade. Pode funcionar como um convite para as nossas atividades.

3. CONVITE À COMUNIDADE: ATIVIDADES EXTENSIONISTAS

As atividades extensionistas também fazem parte da liga Joeme, segundo o Estatuto da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (2019). No primeiro ano, realizamos dois eventos voltados à comunidade acadêmica uespiana. O primeiro deles foi a roda de conversa sobre memória e jornalismo como lugar de memória, como parte do pré-evento da II Semana de Comunicação da UESPI, que estava marcada para acontecer nos dias 5 e 6 de dezembro de 2019.

Como iniciativa dos estudantes de Jornalismo da instituição, foi proposta uma programação com atividades que preenchessem a semana do evento do curso. Assim, além da mesa redonda, palestra, oficinas e apresentações artísticas e de trabalhos, pensados para os dois dias de evento do curso, os discentes organizaram o que eles chamaram de "Esquenta", com rodas de conversa durante os outros três dias da semana útil – da segunda-feira à sexta-feira.

A Liga Joeme se propôs a organizar e conduzir a roda de conversa “Memória e jornalismo como lugar de memória”, no segundo dia (3 de dezembro de 2019) de atividades com discentes do curso, além de profissionais do jornalismo atuantes na região semiárida do Piauí. De forma dinâmica, os membros da liga ministraram a tarde de atividades junto aos participantes da Semana de Comunicação.

Essa iniciativa evidenciou o protagonismo dos membros da liga, especialmente dos estudantes. Enquanto professoras, orientamos o grupo organizador, decidimos com eles os instrumentos utilizados naquela tarde, e optamos por usar de técnicas que dizem respeito às metodologias ativas. Participamos do encontro com entusiasmo, de modo que a roda foi conduzida de forma semelhante ao que fazemos nos encontros de estudo.



Inicialmente, dividimos os participantes em pequenos grupos com a tarefa de organizar em um cartaz suas compreensões sobre memória até aquele momento. Usamos o *brainstorming* (tempestade de ideias) em cada um dos pequenos grupos. Essa técnica, na orientação de Masetto (2015), ajuda a destravar o grupo, aquecê-lo e prepará-lo para a participação ativa na construção do aprendizado.

Os participantes da roda foram encarregados de organizar as principais ideias apresentadas na tempestade, de forma dinâmica e visualmente compreensível, utilizando cartazes, com figuras, poucas palavras e muita criatividade. Esse momento foi intenso, eles demonstraram empolgação para fazer uso das ferramentas de design de forma artesanal. Na Imagem 4 capturamos esse momento.

Imagem 4 — Produção dos participantes da roda de conversa, dezembro/2019



Fonte: Ábia Lorrany N. Ramos (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

Em seguida, os joemitas apresentaram os conceitos de memória e lugar de memória, levantando reflexões sobre o jornalismo, com participações dos presentes. Os membros da liga fundamentaram suas falas a partir dos principais autores estudados até então, como Halbwachs (2006) sobre memória individual



e coletiva, Nora (1993) sobre lugares de memória, Palacios (2010) e Barbosa (2004; 2006) sobre a relação entre memória e jornalismo, dentre outros.

Após a problematização, os pequenos grupos se reuniram novamente, realizaram novo *brainstorming* e reorganizaram seus entendimentos sobre o tema em outros cartazes. A proposta era fazer com que eles percebessem as principais mudanças de percepção sobre a temática em questão antes e após a reflexão instigada pela liga.

Com os cartazes prontos, fizemos um mural do "antes e depois" e partimos para a socialização de cada equipe sobre o que pensava a respeito da memória quando a roda se iniciou e sobre como o conhecimento foi sendo construído até ao final da roda - Imagem 5. As comparações foram no sentido de expandir a compreensão de memória como mais que um fenômeno fisiológico, como algo construído socialmente, conforme contribuições de autores como Halbwachs (2006).

Imagem 5 — Socialização após *brainstorming* e produção de cartazes, dezembro/2019



Fonte: Ábia Lorrany N. Ramos (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

Ter atitudes de problematização é essencial para que as nossas práticas educativas sejam consideradas metodologias ativas. A partir do uso de instrumentos, o propósito é refletir sobre conceitos e, assim, levar o grupo à produção de conhecimentos, daí a importância da presença do educador, mais



experiente, para auxiliar nesse processo, como menciona Moran (2017). Dessa maneira, a roda de conversa se fez produtiva.

O segundo evento realizado pela Joeme se tratou de uma intervenção no campus Professor Barros Araújo, em Picos, onde estudamos e trabalhamos. A Intervenção Memória levou a temática discutida nas reuniões da liga para o público com muita dinamicidade, criatividade e leveza.

A liga disponibilizou, no pátio da universidade, jogos de memória para promover a interação entre a comunidade acadêmica em geral. Entre eles, o conhecido jogo dos sete erros. Conforme vemos na Imagem 6, os joemitas dispuseram duas imagens de um conhecido prédio arquitetônico da cidade, cuja memória está associada à história e à cultura de Picos, a Catedral Nossa Senhora dos Remédios. Aqueles que passavam pelo ponto da intervenção eram convidados a identificar os sete erros em uma das imagens, de forma descontraída e interativa.

Imagem 6 — Jogos interativos na intervenção sobre memória, dezembro/2019



Fonte: Ana Caroline Oliveira Morais (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

A intervenção contou com exposição fotojornalística de acontecimentos que marcaram a memória coletiva no Brasil e no mundo, pela contribuição do jornalismo, que muito veiculou notícias ajudando a construir memórias



coletivas sobre tais episódios. Essa proposta se relacionou às discussões sobre jornalismo enquanto lugar de memória, com base nas pesquisas de Rêgo (2012; 2014) e Ferreira (2016), ambas debatidas na liga.

Ao adentrar o espaço, o visitante era instigado pelos joemitas a rememorar aqueles acontecimentos. A nós cabia a missão de relacioná-los aos conceitos de memória e jornalismo, a partir dos estudos realizados. Entre os acontecimentos, expusemos o 11 de Setembro de 2011, conhecido mundialmente; o acidente da boate Kiss, que ganhou proporção nacional; o episódio do óleo nas praias nordestinas; além dos movimentos "SOS UESPI" e "Luto pela UESPI", os quais fazem parte da memória de luta da universidade campus de Picos. A estrutura da exposição pode ser vista na Imagem 7.

Imagem 7 — Exposição fotográfica na Intervenção sobre memória, dezembro/2019



Fonte: Ana Caroline de Oliveira Morais (estudante de Jornalismo, UESPI/CPBA)

Além das fotografias dos acontecimentos conhecidos das pessoas através do jornalismo, foram expostas fotografias de fenômenos comuns e rotineiros do nosso campus a fim de instigar nos visitantes interatividade, por meio de estratégias de aproximação. Com as memórias contemporâneas à comunidade acadêmica que transitava pelo local, pudemos refletir sobre como o passado é construído no tempo presente, e entender que parte dos acontecimentos rotineiros podem permanecer nas memórias individuais e/ou coletivas.



Com isso, a liga conseguiu a atenção e participação de estudantes e professores de outros cursos do campus, além de técnicos administrativos e visitantes que participavam da abertura da Semana de Comunicação da UESPI/CPBA, em 5 de dezembro de 2019. Por esse motivo, estendeu a intervenção, que inicialmente foi pensada para um dia, também para o segundo e último dia de evento, com boa participação e integração.

Por essas atividades lúdicas, a liga Joeme saiu das salas (e corredores) onde são realizados os estudos para ganhar uma dimensão maior no campus local da nossa universidade, tornando-se conhecida pela comunidade acadêmica. Ao mesmo tempo, o grupo instigou nos visitantes a percepção sobre o caráter social da memória e sobre o caráter mnemônico das informações noticiosas que nos chegam dia a dia pelo jornalismo, conhecimentos sobre memória e jornalismo no ambiente educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liga Joeme se tornou um lugar de ensino, pesquisa, extensão e afetividades. As reuniões envolvidas pelo café, intervenções de memória, produção de artigos, atualizações do Instagram, os encontros *on-line* durante a pandemia do coronavírus, no primeiro semestre de 2020, e outros ajudaram a construir uma agenda em que se pretende tornar os estudos de jornalismo, educação e memória mais evidentes e mais leves, pois a aprendizagem deve ser guiada pela alegria.

Romper o formato de educação tradicional descrita por Freire (1996) como educação bancária não é uma medida fácil. Conscientizar os participantes de seu protagonismo tem sido uma tarefa constante da liga acadêmica em questão. Percebemos que essa autonomia tem deixado as atividades mais leves e os participantes mais seguros.

Oferecer ao integrante a possibilidade de escolher o texto, decidir a dinâmica que será utilizada em uma roda de conversa, incentivar que o registro das atas e a atualização da página do Instagram seja feito pelos próprios



discentes faz parte desse processo em que os acadêmicos ganham autonomia e liberdade.

Acreditamos que a liga contribui até para o fortalecimento da cidadania dos seus membros, uma vez que ela instiga que os participantes possuam um olhar mais crítico e reivindicador para as questões que envolvem jornalismo, educação e memória, a partir do próprio contexto onde estamos inseridos.

Como professoras e também participantes da liga, destacamos um ganho na nossa formação como docentes. A liga Joeme nos motivou ao exercício diário da escuta. Colocar para os alunos que eles possuíam liberdade para exercer as atividades da liga e até mesmo nos desvincularmos da tentativa de ter o controle total das ações foi importante. Saímos da condição de “aquelas que sabem e transferem o saber” para “aquelas que aprendem com o outro e partilham suas experiências”.

Consideramos que tentar manter alunos motivados para o ensino, a pesquisa e a extensão fora do currículo obrigatório foi um desafio. As ligas necessitam de investimento, bolsas de pesquisa para que os participantes tenham melhores condições de acesso às informações. Quando falamos de acesso, nos referimos a condições básicas como acesso à internet, recurso para investir na compra de livros, financiamento de viagens para acervos de pesquisa, congressos. Enfim, tudo que demanda investimento financeiro.

O fato de termos um membro da comunidade no grupo foi essencial para a construção do saber e pretendemos ampliar vagas para que mais pessoas da comunidade externa à UESPI possam participar, visto que trazem vivências importantes. Afinal, cremos que quanto mais as informações sobre jornalismo, educação e memória forem compartilhadas, melhor será a organização de nossa sociedade.

Reconhecemos que o eixo educação necessita ser mais trabalhado e será um dos focos na próxima etapa. O que consideramos falha na avaliação do primeiro ano, oportuniza-nos um novo começo. Na etapa que se segue, conseguiremos fazer as conexões com o campo da educação de forma mais direta a partir de autores que trabalham pelo âmbito interdisciplinar.



Assim sendo, entendemos que trabalhar sob o pilar da interdisciplinaridade e, quiçá, transdisciplinaridade traz ganhos. Aliado ao protagonismo dos estudantes pela postura de problematização da realidade social, isso contribui com uma formação humanizada, com emoções, carinho e afeto demonstrados da primeira (presencial) à última reunião (*on-line*) desse primeiro ano. E vem muito mais por aí, a conversa não termina aqui.

REFERÊNCIAS

BACEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação e educação**, ano XIV, n. 3, set./out. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579/47201>. Acesso em: 6 mar. 2020.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, "senhores da memória"? *In*: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 4; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais[...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004. p. 1-13. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/BARBOSA%20Marialva.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez., 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1458>. Acesso em: 29 maio 2020.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 1, v.19, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013. Acesso em: 12 mar. 2021.

FERREIRA, Mayara. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

INFOPÉDIA. Dicionários Porto Editora, c2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Liga>. Acesso em: 20 mai.2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão *et al.* 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIGA ACADÊMICA DE JORNALISMO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA. **Estatuto da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória.** Universidade Estadual do Piauí, jun. 2019.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário.** 3. ed. São Paulo: Summus, 2015.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In:* BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2017, p. 1-25.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Houry. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.** Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 mar. 2021.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes, São Paulo, ano 4, n. 31, 2010.** Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 12 mar. 2021.



QUEIROZ; José Sílvio *et al.* A importância das ligas acadêmicas na formação profissional e promoção da saúde. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 24, especial, p. 73-78, dez. 2014.

RÊGO, Ana Regina. Jornalismo e memória: entre o tempo e a ética. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 10, 2012, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p. 1-20 2012. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/1784/118>. Acesso em: 12 mar. 2021.

RÊGO, Ana Regina. A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Resolução 38/2001, 29 de outubro de 2001. **Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí – CONSUN**, Teresina-PI, 2001.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas e narrativa: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. *In: SCOZ, Beatriz; et al. (org). Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, p. 13-23, 2004.